

CENTENÁRIO QUASE ESQUECIDO...

ELVO CLEMENTE
PUCRS

Por mais que se queira viver o realismo do dia-a-dia, como é doce e suave o romantismo... O maior poeta romântico dos pagos foi, sem dúvida, Francisco Lobo da Costa, nascido a 12 de julho de 1853 e falecido no dia 18 de junho de 1888, na cidade de Pelotas, São cem anos de falecimento, cem anos de silêncio material do poeta, que canta bem alto no silêncio e na prece do coração lírico rio-grandense.

Fizeram-se algumas celebrações em sua terra natal. Apareceram artigos dispersos em jornais e revistas. Pouco será o quanto se fizer para enaltecer a verve poética daquele que encantava os salões elegantes daquelas eras, as platéias dos teatros e as multidões vibrantes em uníssono com sua voz imortal...

Ele, o peregrino destas terras de Jaguarão, Rio Grande, Pelotas, Bagé, Dom Pedrito, Porto Alegre, São Paulo e Santa Catarina, sempre espalhando versos ao vento e ao sulco promissor dos corações:

Um dia o bardo errante – o triste Child,
Peregrino na dor e na saudade,
Foi bater a teu lar – na fronte impressa
Levando o sulco negro do mormaço
Que despia o sol da eternidade!

– E tu abriste a porta ao peregrino
Levantaste-lhe a tenda do descanso
– Deste-lhe o pão; as roupas lhe aqueceste
Da família no cândido romance.

Em *Lucubrações*, único livro por ele editado, em São Paulo, em 1874, volta à temática do peregrino, do viandante, sempre saudosos do pátrio lar:

Vaguel por tantos mundos suspirando!
Tanta sombra, meu Deus! Varreu-me as galas
Dos sonhos festivos!
Ora embalado na jangada ao longe,
Ora trêmulo de amor, lembrando a infância
E o teto de meus pais!

Sente-se abandonado, proscrito da casa paterna, proscrito do país do amor e da ventura do seu próprio ser:

Só guarda uma saudade quem por fado
Teve a dor do proscrito, a do abandono...

No lirismo onírico quer viver longe da realidade cruel e pungente, desoladora, pois no sonho está a grande e infável realidade do poeta:

Se eu vago o mundo tão vasto
Embora cheio de fel...
E vou levado de rasto
Nas ancas do meu corcel...
Hei-de errar, cego sem destino,
Um guia negro – o destino,
A desventura, o bordão?
Buscando na escuridão

Volta à tranqüilidade, sonho de paz e de bem-estar, de felicidade:

Quero no lago tranqüilo
Deslizar por toda a vida,
Qual Moisés à flor do Nilo
Como Orléa adormecida...

O vate andarengo tinha cultura profunda, adquirida em suas leituras diuturnas e constantes, pois é preciso agarrar ciosamente o tempo veloz:

Iná: o tempo risonho
Nunca mais há de voltar!
Pois, se o passado foi sonho
Deixai-me agora acordar!

Ora ele se sente o desolado, o aflito, o abandonado, sempre percorrendo caminhos:

Como Ashaverus sem lar...
Nos ombros – a tenda escura,
No coração – a dor do olvido...

Poeta de tantas andanças, de mágoas tantas, amado e esquecido, querido e repellido, foi andando pelo Rio Grande, sempre em busca de si mesmo, na angústia de cada dia e na Fortuna de cada momento.

*Também como Don Juan descri do afeto
A palpitar no coração a custo...
Para mim o suplício de Hamleto
– A dor de Chlid e a mágoa de Procustol

E assim essa vida de 35 anos apenas, vividos a perambular como o vento minuano que varre campinas, lagos, campos e vales foi o viver andarengo de Lobo da Costa.

Na noite de 18 de junho de 1888, desiludido de tudo, saiu a caminhar pela rua de Santa Cruz. Veio a treva, veio o frio, veio a hora derradeira e o poeta caiu amortalhado pela branca neblina da gélida solidão...